# Capítulo XXIX — Glória do bom Ladrão (continuação)

> **Sumário.** Quarto privilégio do bom Ladrão: companheiro de todas as dores da Santíssima Virgem. — Natureza desse privilégio. Notáveis palavras de são Bernardino de Sena, do bem-aventurado Simão de Cássia, do P. Orília. — Quinto privilégio. — Figura de todos os eleitos. — Grandeza desse privilégio. — Testemunhos de são Crisóstomo, de santo Tomás, de são Bernardo, de Arnaldo de Chartres.

4.º São Dimas foi o companheiro de todas as dores da Santíssima Virgem. Vimos quão viva é a gratidão de Nosso Senhor para com o seu corajoso advogado. Não menos viva é a de Maria para com o companheiro de todas as suas dores. Sem dúvida, a Santíssima Virgem teve por consoladores são João e as santas mulheres. Mas todos esses íntimos amigos guardam silêncio. Em todo o percurso da via dolorosa e durante a longa agonia de seu divino Filho, Maria, abismada na dor, só ouve uma palavra de consolação, e essa palavra sai da boca do bom Ladrão: Jesus é inocente, Jesus é Deus, Jesus é o Desejado das nações e o Salvador do mundo.

Como essa palavra tão inesperada e tão corajosa deve ter inundado de felicidade a alma da augusta Mãe! A seu Filho, abandonado de todos, essa palavra revelava um amigo não somente fiel como são João, mas intrépido como ninguém. A ela mesma dava um consolador acima de todos os outros; pois proclamava, à face do céu e da terra, duas verdades cuja manifestação era o objeto de todos os seus votos: a inocência de seu Filho e a sua divindade.

São Bernardino de Sena não hesita em pensar que o bem-aventurado Dimas não se limitou a isso.

> *Nada há de inconveniente — diz — em crer que o bom Ladrão, tendo sobrevivido a Nosso Senhor e vendo a profunda dor de sua divina Mãe, lhe tenha dirigido palavras cheias de ternura toda filial. Ao tornar-se cristão, tornara-se irmão de Jesus Cristo; e tinha razão de reconhecer Maria por sua verdadeira Mãe.*[1]

É nessa ordem de relações que são Dimas foi verdadeiramente o companheiro privilegiado das dores da Santíssima Virgem. Em seu Filho, Maria amava o seu Deus e, em seu Deus, amava o seu Filho. Desses dois amores, elevados à sua mais alta potência, nascia no coração da divina Mãe, ao

espetáculo da cruz, uma dor sem analogia entre todas as dores. Ora, só Dimas sentia essa dor, tanto quanto um coração de homem pode ser capaz dela; pois, em Jesus crucificado, via, como Maria, um Homem-Deus morrendo pela salvação do mundo. Só a ele, de todas as criaturas que viviam da vida presente, foi concedido o privilégio de ser associado com essa plenitude às angústias da divina Mãe.

É verdade que, ao lado de Maria, estavam são João e santa Madalena, partilhando as suas dores.

> *Mas — diz são Bernardino de Sena — em Jesus lamentavam um bom Mestre. Em sua morte choravam a morte de um homem superior a todo outro homem, e não a morte de um Homem-Deus, morrendo pelo gênero humano. Só, com Maria, Dimas chorava em Jesus um Homem-Deus, e as suas consolações foram as únicas capazes de adoçar as dores da augusta Mãe.*[2]

Esse privilégio parece tão glorioso ao anjo de Sena que ele se compraz em voltar a ele. Comparando os apóstolos ao bom Ladrão, diz noutra parte:

> *Havia três anos na escola de Jesus, em toda parte tinham ouvido a sua doutrina; em toda parte tinham visto os seus milagres. Pouco antes, tinham recebido de suas mãos, como alimento, o seu santíssimo corpo, e renegavam o seu Mestre fugindo. Só, com Maria silenciosa ao pé da cruz, o bom Ladrão cria do fundo do coração e com fé inabalável que Jesus era o Filho de Deus.*[3]

O bem-aventurado Simão de Cássia exprime o mesmo pensamento.

> *Só — diz — o bom Ladrão confessa, com suas palavras, aquele que Maria confessa com o seu silêncio. Em seus horríveis sofrimentos, foi o companheiro da Santíssima Virgem, partilhando-lhe a fé e a dor.*[4]

Abundando no mesmo sentido, o padre Orília acrescenta:

> *Com efeito, naqueles funestíssimos momentos da Paixão, a fé de todos, exceto Maria, vacilou, se não foi destruída.*[5]

O próprio Evangelho não nos mostra os apóstolos, ainda depois do dia da Páscoa, presas da incerteza sobre a ressurreição de seu Mestre e, por conseguinte, sobre a sua divindade e a infalibilidade de suas promessas? Não tratam de devaneios o relato das santas mulheres que lhes

anunciam a sua ressurreição? O próprio Nosso Senhor não lhes censura a incredulidade? Para convencê-los, não é obrigado a descer, várias vezes, a infinitas condescendências, deixando-se tocar e comendo com eles?[6]

Assim, segundo o testemunho dos santos que acabamos de citar, só duas pessoas, no Calvário, tiveram na divindade do Salvador uma fé completa e inabalável: Maria e Dimas. Se, pois, tivéssemos estado ao pé da cruz, poderíamos ter consolado a augusta Mãe, dirigindo-lhe esta linguagem:

> *Ó Mãe das dores, consolai-vos! Não sois a única a chorar a morte de vosso Filho como a morte de um Deus. Há aqui alguém que experimenta uma dor, se não igual, ao menos semelhante à vossa: é esse Ladrão, crucificado à direita de Jesus. Esclarecido pela luz da fé, sabe que vosso Filho é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, Deus e homem ao mesmo tempo: como tal o confessa e o chora.*

Onde achar, na história, um santo favorecido de tais privilégios? Havia em Jerusalém grande número de discípulos, objeto da predileção do Salvador, e nenhum se assinala por uma fé tão inteira, tão robusta, quanto a do bom Ladrão. Só a ele é reservado o insigne favor de compreender em toda a sua extensão e, tanto quanto a fraqueza humana podia permitir, de partilhar as inefáveis dores de Maria. Tal é o ponto de que é preciso partir para medir a glória de que goza no céu.

5.º São Dimas foi a figura de todos os eleitos.[7] Na sexta-feira santa sempre se viu a imagem antecipada do juízo final. Três cruzes erguem-se no cimo do Calvário. À direita, está a humanidade penitente, que vai subir ao céu. À esquerda, a humanidade impenitente, que cai no inferno. No meio, está o Homem-Deus, Juiz soberano dos vivos e dos mortos, fixando do alto de sua cruz, tornada o trono de seu poder, os destinos eternos dos filhos de Adão. Como o mau ladrão representa todos os réprobos, o bom Ladrão representa todos os eleitos. Quem pode compreender tal glória?

Glorioso é o embaixador que representa um poderoso monarca. Mil vezes mais glorioso, aquele que representasse milhares deles, maiores que todos os monarcas da terra. Tais são os santos que reinam no céu. Por privilégio único, são Dimas, na cruz, os representa todos. Nele e só nele, nesse momento solene, brilha com esplendor a insondável misericórdia que escolhe entre os filhos dos homens os que quer elevar à visão beatífica. A ele só, a ele primeiro, é dirigida a palavra que consagra todos os eleitos: «*Que hoje serás comigo no paraíso.*»

Os apóstolos a ouvirão, milhares de santos e de mártires a ouvirão no decurso dos séculos; no dia do juízo todos os predestinados a ouvirão; mas Dimas a ouviu primeiro. Durante a vida, os outros santos, por grandes que sejam, só ouvirão essa palavra no segredo de sua consciência, e ainda assim nem sempre é bastante nítida para tranquilizá-los completamente.

Dimas, ao contrário, ouve-a com os seus ouvidos, ouve-a em vida. É-lhe dita em presença de milhares de testemunhas que a ouvem como ele, e de todos os anjos do céu que igualmente a ouvem. É tão nítida e tão explícita que não deixa nem incerteza nem temor no bem-aventurado que dela é favorecido.

Admirável prerrogativa que Nosso Senhor, tão bom, tão indulgente, nunca concedeu a seus melhores amigos! A mãe dos filhos de Zebedeu era sua parenta, era-lhe superior em idade. Cheia de confiança em seu augusto parentesco e na predileção do Salvador por seus dois filhos, Tiago e João, vem pedir para eles os primeiros lugares no reino de Jesus.

Em vez da resposta que deu ao bem-aventurado Dimas, diz a seus primos: *«Podeis vós beber o calis, que eu hei de beber? Disserão-lhe elles: Podemos.»* Parece que então Nosso Senhor devia acrescentar: Pois bem! estareis comigo no Paraíso. Nada disso.

> *He verdade que vós haveis de beber o meu calis: mas pelo que toca a terdes assento á minha mão direita, ou á esquerda, não me pertence a mim o dar-vo-lo, mas isso he para aquelles, para quem está preparado por meu Pai:*

*Non est meum dare vobis, sed quibus paratum est a Patre meo*.

Assim, a ninguém no mundo, nem a são João, seu discípulo amado, nem a são Pedro, esse outro ele mesmo no governo da Igreja, nem aos profetas, nem aos patriarcas, Nosso Senhor dissera: Hoje estarás comigo no Paraíso. Para o nosso santo, e só para ele, estava reservado esse incomparável privilégio.[8]

> *Que mistério é este? — pergunta são Crisóstomo. Por que um ladrão recebe primeiro a promessa do Paraíso? Por que um assassino se torna, antes de todos, cidadão do céu? Eis a razão. O primeiro homem foi um ladrão. Culpado de ter tomado o fruto da árvore proibida, foi expulso do Paraíso. O ladrão do Calvário é também um ladrão. Por ter tomado o fruto da árvore da cruz, é introduzido primeiro no Paraíso. Pelo madeiro começa o pecado, pelo madeiro começa a salvação.*

> *Deus o quis, a fim de ensinar a todos os homens que, se, à maneira do bom Ladrão, adorarem Jesus crucificado como seu Senhor e seu Deus, receberão as mesmas honras. Quis que, ao vê-lo remitir na cruz todos os pecados do ladrão, cressem que ele, Redentor universal, apagou a sentença de condenação de todo o gênero humano. Quis convencê-los de que, se na pessoa do primeiro Adão pôs para fora do Paraíso, como um espinho, a humanidade culpada, na pessoa do*

> *ladrão penitente a introduziu nele como uma rosa.*[9]

> *Assim, prometendo-lhe o céu para o mesmo dia, faz dele ao mesmo tempo a figura e o precursor de todos os que, graças aos méritos da redenção, devem entrar nas régias moradas da bem-aventurada Jerusalém.*

Pelos privilégios de são Dimas, podemos fazer alguma ideia da glória de que goza no céu. *«A graça — diz santo Tomás — é o começo da glória.»*[10] Quanto maior, mais sublime, mais extraordinária é a graça dada ao homem viajor, tanto mais deslumbrante é a glória de que goza no céu, tanto mais elevado é o lugar que ocupa.[11] Partamos desse princípio e, pondo de novo diante dos olhos a incompreensível imensidão da graça de que foi favorecido o bom Ladrão, concluamos que a sua glória é igualmente incompreensível. É dele em particular que é preciso dizer com são Paulo: *«o olho não vio, nem o ouvido ouvio, nem jámais veio ao coração do homem»* coisa comparável à felicidade, à glória, ao poder que são agora, e serão pelos séculos dos séculos, o apanágio do amado de Nosso Senhor.

Como, nos infalíveis desígnios da Providência, os meios são sempre proporcionados ao fim, os santos doutores não receiam ensinar que o bom Ladrão ocupa um dos mais elevados tronos da Jerusalém celeste.

> *Quando do lagar da cruz — diz são Bernardino de Sena —, onde era pisado pelo peso da dor, o bom Jesus deixava correr em grandes ondas o vinho de seu amor, que devia embriagar o mundo inteiro, não se contentou com dar um pequeno copo ao bom Ladrão, mas a alma desse bem-aventurado, intimamente unida ao coração de Jesus, devia estar como que afogada no amor. Por isso, não duvido que o corajoso defensor de Nosso Senhor brilhe entre os maiores príncipes da corte do divino Rei.*[12]

Outro não hesita em chamá-lo o arcanjo do Paraíso, o primogênito de Jesus crucificado, o mártir e o apóstolo por excelência, o pregador do universo. *«Se Paulo — acrescenta — fala como um Querubim, Dimas ama como um Serafim.»*[13] Enfim, o amigo de são Bernardo, o piedoso e douto Arnaldo de Chartres, dá-lhe no céu o trono mesmo de Lúcifer.[14]

Por que não seria assim? Quem outro seria mais digno? De um lado, sabemos que, no encalço de Lúcifer, caíram do céu anjos de todas as hierarquias, e que os seus lugares, deixados vazios, devem ser preenchidos pelos santos. Haverá, pois, santos entre os Serafins e os Querubins, como entre os outros coros angélicos.

De outro lado, o bom Ladrão representava toda a humanidade regenerada. Foi o mais corajoso de todos os apóstolos, o companheiro fiel de todas as dores de Nosso Senhor e da Santíssima Virgem,

o primeiro a quem o céu foi prometido. Sua fé, sua esperança, sua caridade elevaram-se a um heroísmo incomparável. Por que o primeiro canonizado de todos os santos não ocuparia o lugar do primeiro prevaricador?

Seja como for, jamais poderemos admirar bastante o poder do arrependimento; jamais bastante a incompreensível bondade de nosso Deus. Num piscar de olhos, elevar uma alma coberta de crimes à categoria das mais puras e mais sublimes inteligências: ó arrependimento, qual a tua virtude! Considerando o que fizeste, são Pedro Damião tem razão de exclamar:

> *Que prodígio! uma palha destinada ao fogo ser um cedro do Paraíso! um tição do inferno tornar-se um dos astros mais brilhantes do firmamento eterno.*[15]

E o arrependimento depende de nós!

---

**Notas**

[1] *Nec est inconveniens ad credendum, quod cum ipse supervixerit morienti Jesu, et viderit maternos gestus erga filium, dolorum amaritudines exprimentes, quod aliqua compassibilia verba filialis dulcedinis plena, illi, quam suam veram matrem jam veraciter cognoscebat, expresserit, qui enim se jam redemptum novit a Christo, non dubitavit se filium Matris Virginis ejus.* («Não é inconveniente crer que, tendo ele sobrevivido ao moribundo Jesus e visto os gestos maternos para com o filho, exprimindo amarguras de dores, tenha dirigido algumas palavras compassivas, cheias de doçura filial, àquela que já verdadeiramente conhecia como sua verdadeira mãe; pois quem já se sabia resgatado por Cristo não duvidou de que era filho da Virgem Mãe dele.») *Ubi supra.*

[2] *Solus ipse matrem Christi associavit lamentatione et dolore. Nulla enim alia creatura præsentis vitæ matrem associavit in prædictis. Licet enim Joannes et Magdalena amare deflerent morientem Jesum, non tamen defleverunt eum ut Deum pro redemptione generis humani morientem. Unde et eorum lamenta multum fuerunt infirmitate insipida. Solius autem hujus Latronis cum maternis fuerunt accepta lamenta, quia vere Deum credidit desuper infusa fide, quem cum incredibili dolore hominem ante oculos morientem vidit.* («Só ele associou a mãe de Cristo no lamento e na dor. Nenhuma outra criatura da vida presente associou a mãe nas coisas ditas. Pois, embora João e Madalena chorassem amargamente o moribundo Jesus, não o choraram, contudo, como Deus que morria pela redenção do gênero humano. Por isso os lamentos deles foram muito insípidos pela fraqueza. Só os lamentos deste Ladrão, porém, foram aceitos juntamente com os maternos, porque creu verdadeiramente Deus, por fé infundida do alto, aquele que, com incrível dor, viu homem morrendo diante dos olhos.») *Ubi supra.*

[3] *Et ubique ejus doctrinam audierant, miracula viderant, et paulo ante in cibum de manibus ejus sanctissimum corpus illius sumpserant, fugiendo negabant. Iste solus cum tacente Virgine ipsum Dei Filium indubitata fide in animo suo credebat.* («E em toda parte tinham ouvido a sua doutrina, visto os milagres e, pouco antes, tinham recebido das mãos dele, como alimento, o seu santíssimo corpo; fugindo, negavam. Este, só, com a Virgem calada, cria em seu ânimo, com fé indubitável,

que ele era o próprio Filho de Deus.») *Ibid.*, p. 331.

[4] *Latro solus cum tacente Virgine confitetur, et in his mæroribus tam horrendis socius fuit Virginis in fide atque dolore.* («O ladrão, só, com a Virgem calada, confessa e, nesses lutos tão horrendos, foi companheiro da Virgem na fé e na dor.») Liv. XIII, cap. III.

[5] *Poichè in quel funestissimo tempo della Passione di Cristo, la fede in petto a tutti, toltane Maria, se non cadde, crollò.* («Pois naquele funestíssimo tempo da Paixão de Cristo, a fé no peito de todos, exceto Maria, se não caiu, vacilou.») P. 128.

[6] Mc 16, 11; Lc 24, 11, etc., etc.

[7] *Quintum quoque fuit privilegium figurationis, nam ipse figuram tenuit, et quasi vicem omnium electorum.* («O quinto foi também o privilégio da figuração, pois ele teve a figura e como que a vez de todos os eleitos.») S. Bernardino, *ubi supra*.

[8] *Nullum ante latronem invenies repromissionem Paradisi meruisse, non Abraham, non Isaac, non Jacob, non Mosen, nec prophetas, nec apostolos; sed ante omnes reperies latronem.* («Não acharás que ninguém antes do ladrão tenha merecido a promessa do Paraíso: nem Abraão, nem Isaac, nem Jacó, nem Moisés, nem os profetas, nem os apóstolos; mas antes de todos acharás o ladrão.») S. Crisóstomo, *De Cruce et Latr.*

[9] *Nam qui Adamum ex paradiso expulit quasi spinam, ipse latronem ut rosam in Paradisum transplantavit.* («Pois aquele que expulsou Adão do paraíso como um espinho, ele mesmo transplantou o ladrão para o Paraíso como uma rosa.») *In ps.* IV, n.º 3, *Opp.*, t. V, p. 660.

[10] *Gratia nihil aliud est quam quædam inchoatio gloriæ in nobis.* («A graça nada mais é que certa incoação da glória em nós.») II-II, q. 24, art. 3, ad 2.

[11] *Secundum multitudinem gratiæ, magnitudine gloriæ exaltatus.* («Segundo a multidão da graça, exaltado pela grandeza da glória.») S. Bernardo, Serm. *de S. Benedict.*

[12] *Unde non puto istum latronem, nisi inter sublimes Dei principes collocandum.* («Donde não julgo que esse ladrão deva ser colocado senão entre os sublimes príncipes de Deus.») *Ubi supra*, p. 332.

[13] Ver Cornélio a Lápide, *In Luc.* XXIII, 42.

[14] *Ibi latro collocatur, unde Lucifer corruit.* («Ali é colocado o ladrão, de onde Lúcifer caiu.») *De sept. verb.*

[15] *Stipula Tartari, cedrus est Paradisi; torris inferni, factus est splendidum sidus cœli.* («Palha do Tártaro, é cedro do Paraíso; tição do inferno, tornou-se esplêndido astro do céu.») Serm. *de S. Bonif.*

---

Revision #1
Created 25 November 2026 00:40:32 by Admin
Updated 25 November 2026 00:40:32 by Admin